

Índice

Uma ortodoxia relativista e laica	1
Tecnologia avançada ao serviço do planeamento familiar natural	2
“Caminar”	3
“1917”	4

Uma ortodoxia relativista e laica

A história, não tanto dos factos como das sensibilidades, permite comprovar que, de tanto em tanto tempo, se vai criando um determinado clima. Isso foi designado de muitas maneiras: “sinal dos tempos”, *Weltanschauung* ou cosmovisão, paradigma (no caso das ciências), *mainstream*...

É um clima não só de opinião, como também de factos, hábitos, costumes, modas nas palavras, atitudes mais frequentes... Hoje não só a linguagem, também a imagem fixa ou em movimento, potenciada pela informática, tem a capacidade de criar o *mainstream*. Chega-se a pensar que *toda* a realidade é assim, porque o mediático trabalha em tempo real e pode dar conta do imediato. “Tornou-se viral”, como se fosse sinónimo de “tornou-se verdade”.

O mediático, em conjunto, não é mais do que um instrumento de conhecimento e de comunicação. Em si mesmo é inocente, como qualquer instrumento. A sua maior capacidade de difusão é igualmente inocente, pois serve tanto para difundir um grande acerto, uma mentira fabricada (*fake news*) ou uma simples estupidez.

Esse poderoso instrumento utiliza-se hoje para difundir uma “substância”, aliás, mutável, que, em relação aos valores humanos, pode ser descrita como uma ortodoxia relativista e laica.

Ortodoxia laica não é um oxímoro. *Ortodoxia* quer dizer simplesmente “pensamento que se autoapresenta como o correto”. E é aí onde se entronca com o politicamente (isto é, socialmente) correto.

Laica porque se suprime, mediante a indiferença ou o silêncio, qualquer referência profunda, não tanto à religião, como algo abstrato, mas a Deus, como pessoa com quem se pode dialogar. Esse silêncio sobre Deus impõe-se como pensamento correto (ortodoxia).

Há alguns dogmas laicos, que como todas as devoções têm os seus beatos e beatas, fundamentalistas do aparentemente alternativo. Mas, além disso, acontece o paradoxo de que esses dogmas, de uma enorme fixidez, se apresentarem muitas vezes como *de progresso*.

O dogma mais amplo tem a ver com o ecologismo, que é diferente da ecologia como ciência, mesmo que beba dela. É verdade que séculos inteiros de atuações humanas, especialmente nos últimos séculos, romperam o equilíbrio natural sustentável e que, se não forem adotados remédios drásticos, o futuro será muito sombrio. Mas o ecologismo radical idolatra a Natureza, regressando de facto a uma visão pagã do mundo.

Relacionado com o ecologismo radical existe o animalismo igualmente radical. Por muito que se goste dos animais, não se lhes podem reconhecer “direitos”, porque não são livres: perguntem à leoa os motivos porque mata a gazela. Outra coisa é o dever dos seres humanos de tratar os animais com respeito, não tendo para com eles o menor gesto de crueldade.

Quando se passa do meio ambiente em geral e da defesa do animal para o ser humano, deteta-se, e isto sim é um oxímoro, a presença de “dogmas relativos”, isto é, de crenças que se alteram oportunisticamente consoante as circunstâncias e os interesses em jogo.

Um caso típico é a defesa da liberdade de expressão. Em princípio, tem de ser absoluta (dogma), mas deixa de sê-lo se, por exemplo, se está contra, e assim se expressa livremente, o discurso generalizado do feminismo. Não é já liberdade de expressão, diz-se, a defesa do sexismo, do machismo. Logo, a liberdade de expressão tem limites e não é absoluta.

É uma boa causa a luta contra o tabagismo, mas é defendida simultaneamente a liberalização de outras drogas.

A vida humana é o valor máximo, mas no caso do feto, decide-se prescindir dele, porque isso seria um direito da mulher.

Protesta-se, com toda a razão, contra a maior frequência de casos de abusos sexuais, quase sempre sobre mulheres e crianças. Mas admite-se a extensão crescente da pornografia, sem assinalar que hoje, pela sua facilidade de acesso, é provável que seja a preparação ou a indução para esses abusos.

O resumo da pós-modernidade cultural (que é o nome que pode ser dado a esta época), *anything goes*, vale tudo, explica muitos desses fenómenos.

Em política, por exemplo, quase desapareceu o valor da coerência e o da veracidade. Um líder populista admite que se contradiz, mas que “assume as suas contradições”, o que é algo assim como Hegel (e Marx) em trocados. A mentira amortiza-se rapidamente com outra mentira. As traições ao próprio partido parecem-se a essa justificação do adultério, tão frequente na crónica do coração (eufemismo por “do sexo”), porque “encontrei um novo amor”.

Vai-se alimentando desse modo um cinismo quotidiano, que faz com que desapareça do vocabulário usual, por exemplo, a palavra *ideal*, como aspiração moral (sim, usa-se em publicidade: é ideal o mais variado, desde um detergente até um creme depilatório).

O panorama traçado nestas linhas reflete que muitas atuações são assim, mas que não esgotam a realidade.

O que *parece ser* é hoje mediático. Mas o mediático, como o seu próprio nome indica, *media*, no sentido de que é algo intermédio entre o público e a realidade. A tão traída e dirigida *opinião pública* é uma opinião mediatizada, que não tem de coincidir com a opinião pública real, muito difícil de medir no seu conjunto. Pode-se medir, de forma aproximada, em inquéritos, mas é muito difícil que qualquer inquérito chegue ao que existe verdadeiramente no coração humano.

Essa ortodoxia laica e relativista existe num indeterminado número de pessoas e está presente em bastantes meios de comunicação. Mas nunca foi possível reduzir a sociedade humana a uma só coisa, por mais que o tenham tentado os tiranos de facto e alguns ideólogos.

Com todos os seus defeitos, no *mainstream* atual, pelo menos no Ocidente, é reconhecido o valor insubstituível da liberdade do indivíduo. E é sempre possível a liberdade de não aceitar os dogmas laicos e de salientar a sua miséria.

R. G. P.

Tecnologia avançada ao serviço do planeamento familiar natural

Um congresso internacional que se realizou na Universidad Francisco de Vitoria, em Madrid, reuniu em Espanha especialistas em naprotecnologia – tecnologia da procriação natural –, com o objetivo de apresentar esta especialidade, que combina conhecimentos científicos e técnicos para dar uma resposta integradora, natural e sustentável aos problemas de fertilidade.

No congresso, organizado pela rede [Fertilitas](#), foram apresentados os últimos avanços desta especialidade, com a presença do seu criador, o ginecologista Thomas W. Hilgers, fundador do [The Saint Paul VI Institute for the Study of Human Reproduction](#), no Nebraska. Além de estar presente nos Estados Unidos, a naprotecnologia já se aplica em países como Irlanda, Países Baixos, Polónia, México, Alemanha, Canadá ou Espanha, para o diagnóstico e tratamento das causas de infertilidade, e conseguiu – segundo explicou Hilgers – que “muitos casais possam ter filhos de maneira natural, de uma forma responsável com o corpo e a vida humana”, depois de um processo de aprendizagem monitorizado, adequado a cada necessidade, e após a aplicação de algumas terapias.

Para Hilgers, trata-se de “uma aposta revolucionária no modo como são abordados os problemas [de fertilidade]”. Na sua opinião, “desde 1978, quando começou a aplicar-se a fecundação *in vitro*, praticamente deixou-se de fazer diagnósticos, porque só interessa uma coisa: conseguir um bebé”. Perante esta abordagem, Hilgers começou há já 30 anos um processo de investigação sobre as causas de infertilidade mais frequentes, com o objetivo de melhorar a saúde de uma maneira integral.

Interpelado pela encíclica “*Humanae Vitae*”, começou a reunir experiência clínica e de investigação, para desenvolver uma

medicina reprodutiva natural, “firmemente baseada no respeito pela vida e na integridade do casamento”, explicou. O seu empenho está em linha com o que fazem outros especialistas em planeamento familiar natural.

Fruto do seu trabalho permanente, surgiu a naprotecnologia. Hilgers apoia-se no [Creighton Method](#), que toma como ponto de partida as descobertas do Dr. Billings e o método sintotérmico (ver “[Acepresa](#)”, 7.4.2010), mas dá mais um passo no modo de recolha dos resultados. O método Creighton padroniza as observações do padrão mucoso e o registo gráfico das hormonas como estrogénios e progesterona ao longo do ciclo, permitindo assim identificar os dias de fertilidade e infertilidade.

Uma vez obtido o padrão de cada mulher, a avaliação das possíveis causas que estão a impedir os casais de conceber é mais precisa: a taxa de eficácia do diagnóstico situa-se em 99,5 %. Além da aplicação de tratamentos hormonais muito ajustados – em dias e doses –, dietas e medicação para cada necessidade, Hilgers recorre à cirurgia naprotecnológica, geralmente por laparoscopia, para remediar patologias.

Trata-se de soluções criativas personalizadas que se deixaram de praticar na maioria dos hospitais, por se terem generalizado as técnicas de fecundação *in vitro*. Tal como o seu promotor explica no livro “The Medical & Surgical Practice of NaProTechnology” (2004), “a naprotecnologia apoia-se na ginecologia, na cirurgia, na perinatologia e na educação”.

As soluções da naprotecnologia exigem a colaboração do homem e da mulher, e um processo de aprendizagem e acompanhamento proporcionado pelos monitores. Conforme explica a enfermeira Ana María Ramírez, presidente do FertilityCare Center em Espanha, “trata-se de um método seguro, porque não existem contraindicações, fomenta a união conjugal, respeita a dignidade da mulher e tem uma confiabilidade comprovada. Diria que é uma abordagem integral da saúde; não é apenas uma técnica”.

Ignacio Romero, urologista, salienta que, segundo dados recentes, “15 % dos casais são estéreis – é-lhes impossível conceber; em 20 %, a causa é somente masculina; e de 30 % a 40%, o homem contribui. A nicotina e o álcool têm grande impacto, embora também haja causas orgânicas”. A consulta e o estudo do fator masculino segue igualmente os seus protocolos e, após o diagnóstico, são aplicadas as soluções possíveis.

“A naprotecnologia deteta muitas vezes que a esterilidade é multifatorial”, salienta o Dr. Jaime Siegrist, ginecologista e chefe de serviço do Centro Médico Maestranza. “É frequente que quando não chegam os filhos se diagnostique esterilidade de origem desconhecida”; todavia, com o Método Creighton, a percentagem dessas causas desconhecidas baixa de 47 % para menos de 1 %”.

Siegrist é um dos ginecologistas pioneiros em Espanha que, a partir da plataforma Fertilitas, favorece e difunde a napro-

tecnologia desde 2018. Alguns anos antes, a Asociación Española de Naprotecnología ([Naprotec.es](#)), lançou um plano de divulgação especialmente nos países de língua castelhana, com a colaboração de dois ginecologistas em Saragoça e Madrid. Além da sua atividade em Espanha, os seus cursos e materiais chegaram ao México, Argentina, Colômbia, Equador, Paraguai e República Dominicana.

O interesse pela naprotecnologia é crescente e alarga-se ao ritmo de preparação dos profissionais de saúde. “Até agora, só havia especialistas nalguns pontos isolados da Península Ibérica, como Gibraltar, Pamplona, Saragoça, Madrid e Lisboa”, explicou a ginecologista Tania Errasti, que foi a primeira médica espanhola que se formou, em 2011, junto de Hilgers, e trabalha atualmente na Unidade de Reconhecimento Natural da Fertilidade da Clínica Universidad de Navarra.

A naprotecnologia enfrenta agora o desafio da divulgação em ambientes universitários e académicos. “É necessário que a universidade se envolva nesta ciência, pois a naprotecnologia, na realidade, faz parte dos cuidados primários de saúde”, salientou Jokin de Irala, catedrático de Saúde Pública da Universidad de Navarra.

Na mesma linha se expressou o ginecologista José Ignacio Tubío, que explicou “haver em Espanha de 5 a 10 vezes mais clínicas de fertilidade do que no resto da Europa, porque se seguem critérios empresariais facilitados por uma legislação permissiva. Muitas vezes há tratamentos desproporcionados, com grande agressividade e efeitos secundários, porque não existiu tempo de estudo médico”.

M. A. B.

“Caminar”

“Å gå. Ett skritt av gangen”

Autor: Erling Kagge
Taurus. Barcelona (2019)
173 págs.

Aventureiro, explorador e escritor, este é o segundo livro, depois de “Stillhet i støyens tid” (“El silencio en la era del ruido”, na edição em Espanha), traduzido para castelhano de Erling Kagge, um personagem interessante, capaz tanto de atrever-se a descobrir uma Nova Iorque inédita, andando pelos seus esgotos, como de completar o desafio de chegar ao Polo Norte, ao Polo Sul e ao cimo do Everest, andando

também, evidentemente. Dessas experiências de vida nascem livros como estes, que respiram pausa e que, igualmente, como bom editor e leitor, remetem para outros autores e textos, sempre com proximidade e sem pretensões.

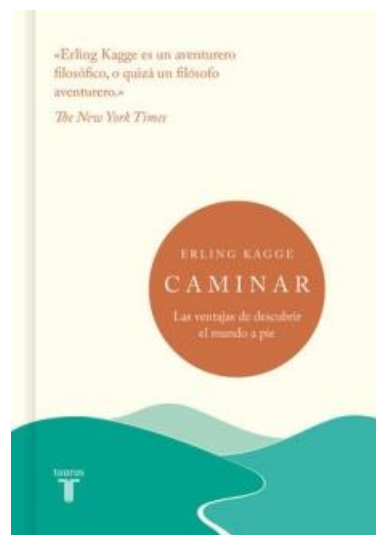
Sobre o caminhar como algo profundamente humano – andar erguido, podendo observar o horizonte, diversamente dos animais – se escreveu muito antes e, curiosamente, agora na última década, quando menos se anda nos países desenvolvidos. Jean-Jacques Rousseau, [Henry David Thoreau](#) e Robert Louis Stevenson foram, entre outros, três grandes defensores do caminhar, e são referência obrigatória sobre o tema. Mas também recentemente apareceram (por exemplo, em Espanha) mais de uma dezena de ensaios e alguns bateram recordes de vendas, como “Éloge de la marche” (“Elogio de caminhar”), de David Le Breton, ou “Marcher, une philosophie” (“Andar, uma filosofia”), de Frédéric Gross. Muito ligado ao ativismo figura o de Rebecca Solnit, “Wanderlust: A History of Walking” (“Wanderlust, una historia del caminar”), também um sucesso de vendas mundial.

Quando um cão ou um gato estão doentes tentam sempre andar, levantar-se e dar alguns passos, lutam contra a imobilidade que precede a morte. Andar, passear, deslocar-se a pé dá-nos, segundo Kagge, uma ideia do que nos rodeia, do que se encontra mais próximo, mas também afastado. Proporciona ao homem uma medida mais real do tempo interior e exterior, assim como do próprio corpo, e uma consciência diferente. Andar é complemento fundamental a pensar e a pensar-nos, a conhecer e a conhecer-nos.

“Quem lê muito e anda muito, vê muito e sabe muito” lê-se no “Dom Quixote de la Mancha”. Adão e Eva ouviram que Deus se passeava pelo Éden na hora da brisa, conta a Bíblia. Pode-se andar com um motivo – encontrar-se com a manada de mamutes que está longe para acabar por caçar algum, ir para o trabalho ou para a escola, etc. – ou passear sem um objetivo definido. Na cultura japonesa existe uma terapia conhecida como banhos de floresta, que consiste em andar pela floresta como remédio. Por vezes, ir mais lentamente, andando, implica poder ver e sentir coisas diferentes que perdemos habitualmente. Lentidão e memória estão ligadas e a nossa velocidade atual implica esquecer rapidamente.

O livro de Kagge não é uma aproximação sistemática ao caminhar, como os ensaios de Gross ou Le Breton; seria, antes, como um Thoreau moderno, breve e sugestivo. Tal como em “El silencio en la era del ruido”, o autor liga as suas reflexões a outros valores como a sobriedade, a importância do esforço, o recuperar uma certa pausa, e dedicar tempo para pensar e não para fazer apenas.

A. P.



“1917”

“1917”

Realizador: Sam Mendes
Atores: Dean-Charles Chapman; George MacKay
Duração: 120 min.
Ano: 2019

A I Guerra Mundial entre 1914-1918 vai provocar uma mortandade como nunca se vira. Este filme narra um episódio baseado em factos reais, sobre a missão que dois soldados ingleses têm de efetuar num dia passado em 1917.

A guerra encontra-se num impasse devido às trincheiras cavadas de parte a parte. As tropas inglesas preparam mais um assalto ao lado alemão, numa altura em que as trincheiras inimigas são abandonadas... mas é uma armadilha. À última hora o comando aliado descobre a jogada e decide enviar dois soldados à frente de batalha para impedir que o general inglês dê ordem de ataque e o seu exército caia na ratoeira alemã.

A missão é clara, mas executá-la é perigoso. Trata-se de andar em terreno desconhecido e descoberto. Os dois escolhidos discutem se vale a pena cumprirem a ordem. Surge então a motivação. Um deles sabe que o seu irmão corre risco de vida nesse assalto. Isso motiva-o a cumprir o dever e avança, arrastando o outro. Não se trata já de “impedir um desastre”, mas de “salvar alguém em concreto”. Apesar dos muitos obstáculos, a missão cumpre-se... também porque o “herói” vai saber aceitar uma sugestão, que sem ser uma ordem, será decisiva para o desfecho positivo da missão.

Tópicos de análise:

1. A motivação cresce quando o objetivo se torna algo pessoal.
2. Alcançar a meta é o fruto de pequenas vitórias intermédias.
3. A humildade de aceitar um conselho experiente, pode levar logo à solução.

[Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins
Professor da AESE

